



Mãos à obra

A. Domingues de Azevedo

Terminado um curto período de férias é tempo de retomar com novas forças os projectos já iniciados, reflectir sobre as novas estratégias e desafios a que nos propomos: consolidação da profissão e reconhecimento do mérito que é devido aos profissionais.

Tarefa que não é fácil, tendo em atenção um passado recente em que, por razões sobejamente conhecidas, se menosprezou o importante e imprescindível papel que os Técnicos Oficiais de Contas sempre desempenharam na gestão do sistema fiscal português.

Não esqueço aquela realidade e, na maioria das situações, o quanto injusta ela se tem transformado, ignorando o brioso trabalho de muitos e bons profissionais. Sou daqueles que acredito nos valores da justiça e da verdade. Por isso, perante uma contrariedade, incompreensão ou injustiça, em vez de reacções destemperadas, uso a força da razão.

Sou daqueles que acredita que a credibilidade de qualquer profissão se constrói, não por decreto, favor ou benevolência deste ou daquele governante, mas através dos actos e comportamentos dos profissionais e das instituições que os congregam.

Sou daqueles que perfilha a ideia que o direito se adquire no cumprimento do dever e, por isso, sempre que o construímos, devemos reclamá-lo. Essa tem sido a grande estrela que tem orientado o caminho que até hoje percorremos e que muito nos orgulha. Caminho que vamos continuar a trilhar e que procuraremos materializar através de diversas iniciativas, questionando e desassossegando mentes acomodadas.

O presente ano, em que se comemora uma década do reconhecimento público da profissão, tem sido intenso em termos de realizações.

Um dos objectivos já cumpridos aconteceu com a recente organização da conferência internacional subordinada ao tema «Competitividade e Concorrência Fiscal», que decorreu em meados de Setembro, em Lisboa. A massiva participação dos TOC foi a resposta inequívoca ao interesse suscitado por este tema que ganha cada vez mais acuidade e uma oportunidade soberana para sensibilizarmos os responsáveis para a necessidade de harmonização comunitária das grandes linhas orientadoras da fiscalidade.

Esta foi mais uma prova do empenho demonstrado pelos TOC na elevação do seu nível de conhecimentos, transmitindo uma imagem da profissão e da Instituição sem paralelo.

Mas as iniciativas com a chancela da CTOC não se ficam por aqui. O encerramento será, seguramente, com chave de ouro. O II Congresso dos Técnicos Oficiais de Contas, a realizar nos dias 3 e 4 de Novembro, no Pavilhão Atlântico, constituirá um outro momento inesquecível da vitalidade da nossa profissão, possibilitando-nos a oportunidade de conhecer novas realidades dos países de língua oficial portuguesa e a convivência com colegas daqueles países.

Como o esforço de dignificação da nossa profissão não admite facilidades e requer uma monitorização permanente da realidade que nos rodeia, uma reflexão profunda sobre as consequências da adopção no Ensino Superior do denominado processo de Bolonha, deverá merecer da nossa parte medidas que obstem a uma diminuição de qualidade dos candidatos a Técnicos Oficiais de Contas, pois tal facto repercutir-se-á negativamente no exercício desta actividade fundamental para os destinos económico e financeiro do país.